

# Migração Milenarista

Jack Van Deventer

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>1</sup>

Meu propósito ao escrever é comunicar os pensamentos e circunstâncias que levaram a uma mudança em minha perspectiva escatológica sobre a história, do que é comumente considerado um ponto de vista pessimista (pré-milenismo) para um de otimismo (pós-milenismo). Ao comunicar essa migração, meu objetivo não é primariamente fornecer uma defesa bíblica, mas esclarecer o caminho que tomei para chegar nesse ponto.

Quando me tornei um cristão em 1972, não precisava ser um gênio para entender que os U.S.A. e talvez o mundo todo estava em apuros: a Guerra do Vietnã estava no auge (estávamos perdendo), o comunismo estava avançando rapidamente e visando o domínio global, os campus estavam sendo bombardeados, a moralidade estava declinando, o conflito de gerações estava aumentando, os Kennedys e King tinham sido assassinados, e Deus tinha sido declarado morto. A despeito de ser um jovem “bom e moral”, eu não via nenhuma esperança para o mundo ou para o meu futuro pessoal.

A literatura cristã que eu lia como recém-convertido confirmava meu pessimismo com aparente prova bíblica de que o mundo era um lugar podre que Deus em breve julgaria. O livro *The Late Great Planet Earth*<sup>2</sup> de Hal Lindsey (que vendeu 25 milhões de cópias) foi um dos primeiros livros que li. Era óbvio que o mundo em breve acabaria. Afinal, raciocinávamos, Cristo tinha que voltar dentro de uma geração (40 anos) de 1948, pois foi nesse ano que Israel foi declarado uma nação. Assim, sabíamos que o arrebatamento teria que acontecer antes de 1988. Uma pessoa podia apenas esperar e especular sobre a identidade do Anticristo. A maioria das pessoas que eu conhecia estava convencida que era Henry Kissinger.<sup>3</sup>

Embora algum evangelismo limitado acontecesse, qualquer ministério designado a ter uma influência cristã duradoura era considerado tolo, como o comentarista de rádio J. Vernon Magee estava nos ensinando: “Você não lustra um navio que está afundando”. Nos anos de 1970 e 1980 passei a frequentar igrejas e uma escola bíblica onde fui treinado a estudar a Bíblia a partir de uma perspectiva dispensacionalista. Quem não era pré-milenista não era mantido em alta estima. Eles eram liberais que espiritualizavam a Bíblia e não a consideravam literalmente, éramos informados.

Imaginem o meu horror quando anos depois (1985) o pastor da igreja que eu estava frequentando anunciou que após um estudo prolongado das Escrituras ele tinha se tornado pós-milenista! Fiquei chocado e desanimado. Para se tornar um

---

<sup>1</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com). Traduzido em fevereiro/2008.

<sup>2</sup> Publicado no Brasil com o título “Agonia do grande planeta Terra”, pela Mundo Cristão. (N. do T.)

<sup>3</sup> Diplomata estado-unidense que teve um papel importante na política estrangeira dos EUA entre 1968 e 1976. (N. do T)

pós-milenista eu estava convencido que a pessoa deveria espiritualizar tanto a verdade que poderia muito bem jogar fora a Bíblia. Nas várias semanas seguintes o pastor forneceu uma defesa do pós-milenismo que era assustadoramente bíblica. Digo “assustadoramente” porque tinha presumido que todos os pós-milenistas eram liberais, e que os liberais não eram capazes de defender suas posições a partir das Escrituras. A posição pós-milenista tinha uma base bíblica impressionante, mas permaneci cético e não convencido. Se isso fosse bíblico, certamente teria ouvido falar antes. Além disso, a despeito das possíveis interpretações bíblicas, minha experiência estava me dizendo que o mundo estava piorando.

Por anos permaneci um pré-milenista, mas estava disposto a concordar que outras visões escatológicas talvez não eram tão estranhas como tinha presumido e, de fato, tinham certo grau de credibilidade bíblica. Comecei a estudar o assunto de escatologia em profundidade para ver se a Bíblia afirmava ou não a minha cosmovisão pessimista. Em adição ao estudo das Escrituras diretamente, comecei a ler todo erudito bíblico pré-milenista que pudesse encontrar. Restringi minha pesquisa às obras acadêmicas e evitei escritores populares. Meu objetivo era fortalecer os muros das minhas suposições pré-milenistas antes de sujeitar essa visão às alternativas.

Nos próximos três anos estudei a Bíblia e li tantos livros escatológicos respeitáveis quanto pude achar. O que em breve se tornou aparente em minha leitura era que dispensacionalistas e não-dispensacionalistas tinham uma altíssima consideração pela Bíblia, mas abordavam as Escrituras com pressuposições muito diferentes. As diferenças eram mais teológicas em natureza do que hermenêuticas. Essas pressuposições teológicas tinham uma forte influência sobre como cada grupo entendia a Bíblia. Embora tivesse sido um dispensacionalista (na falta de outra opção), passei a ficar crescentemente desconfortável com a visão desse sistema da descontinuidade da Bíblia, o literalismo forçado sobre tantas passagens, e o desenvolvimento histórico controverso do sistema.

Após contrastar as várias visões escatológicas, fui forçado a ceder aos argumentos que favoreciam o otimismo. Contudo, como um pessimista durante toda a minha vida, admiti essa transição intelectualmente bem antes de fazê-lo emocionalmente. Tal mudança de paradigma é bem perturbadora, pois as ramificações vão bem além da profecia para assuntos mais importantes, tais como a soberania de Deus, o curso da história e a natureza do senhorio de Cristo.

Ao relembrar longas passagens familiares que antes tinham que ser “explicadas”, tive que fazer as pazes com inúmeras passagens bíblicas que indicavam que a morte e a ressurreição de Cristo eram o princípio de uma vitória redentora progressiva sobre os efeitos do pecado. Que conceito pensar que o cumprimento da Grande Comissão não era apenas possível, mas inevitável! Passei a considerar que a Palavra de Deus não retornaria vazia, até que tivesse cumprido todo o Seu propósito.<sup>4</sup>

**Fonte:** *Credenda/Agenda*, Volume 8, Issue 4.

---

<sup>4</sup> Is. 55:11. (N. do T.)